

SHAKESPEARE NAS REDES SOCIAIS: “PEACE, GOOD TICKLE-BRAIN”, DE MYA GOSLING

Rebeca Pinheiro Queluz (UFPR)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os quadrinhos do *blog* “Good Tickle-Brain”, da cartunista Mya Gosling, autora que ficou conhecida por condensar as peças de Shakespeare em apenas 3 quadros (que ela chama de *Three-panel plays*). Nossa atenção será direcionada especialmente para os quadrinhos referentes à seção “Social Media Shakespeare”, onde se encontram as séries “Shakespearean Selfies” e “Shakespearean Autocorrects”, publicadas entre os anos de 2013 e 2016. A partir de autoras como Sanders (2006) e Hutcheon (2013) queremos propor uma reflexão sobre o diálogo entre a literatura e os quadrinhos, observando como a forma e as mediações técnicas e gráficas podem recriar o conteúdo.

Palavras-chave: Shakespeare; Good Tickle-Brain; Apropriação; Mya Gosling.

Introdução

Este trabalho se propõe a investigar, ainda que de forma breve, alguns quadrinhos do *blog* “Good Tickle-Brain”², da ex-bibliotecária³ e cartunista Mya Gosling. A autora, que começou a postar seu trabalho no *Facebook* (<https://pt-br.facebook.com/goodticklebrain/>) e, posteriormente, criou um *blog* e contas em outras redes sociais como o *Twitter* (<https://twitter.com/goodticklebrain>) e o *Instagram* (<https://www.instagram.com/goodticklebrain/>) para divulgá-lo, traz como tema principal a obra de Shakespeare. As atualizações nesses domínios ocorrem pelo menos duas vezes na semana, às terças e quintas.

Gosling se tornou célebre, especialmente, por uma seção intitulada *Three-panel plays*. Brincando com a ideia de que as pessoas não têm tempo para ler as peças de Shakespeare, a cartunista resolveu resumi-las em tiras de três quadros, como se pode observar na Figura 1, em que selecionamos um exemplo de comédia, um de tragédia, um de peça histórica e, finalmente, um de romance:

¹Licenciada e bacharela (em Tradução) em Letras Português-Inglês (UFPR), Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e Doutoranda no mesmo programa. Contato: rebequaqueluz@gmail.com.

²O título do seu *blog*, como nos informa a própria autora, é um insulto shakespeariano presente na fala de Falstaff (*Henrique V*, ato 2, cena 4): “—Peace, good pint-pot. Peace, good tickle-brain!”.


³Gosling até recentemente era bibliotecária na University of Michigan Graduate Library. Algumas de suas tiras (<https://goodticklebrain.com/miscellany/#/libraries/>) fazem referência ao seu cotidiano nesse lugar.



Figura 1: *Romeu e Julieta*, *Ricardo III*, *A megera domada* e *O conto de inverno* em 3 quadros.
Fonte: <<http://goodticklebrain.com/shakespeare-index/#/three-panel-plays/>>. Acesso em: 25/09/2017.

Ao sintetizar essas obras, a autora recupera algumas das cenas/falas icônicas das peças (como se pode ver no terceiro quadro de *Ricardo III*), realiza comentários críticos e questionamentos (como se observa no último quadro de *A megera domada*), destaca elementos que chamaram sua atenção (como o destino trágico de Antígono, que é perseguido e devorado por um urso em *O conto de inverno*), além de realçar pontos fulcrais (como o ódio entre as famílias e o amor do casal protagonista, em *Romeu e Julieta*).

Ademais, Gosling produziu paródias musicais de *Hamlet*, *Macbeth*, *O conto de inverno*, *Sonho de uma noite de verão* e *Como gostais*. Relacionou Shakespeare à política, a eventos mundialmente celebrados, como a Copa do Mundo, a datas especiais (como o Dia dos Namorados, Natal, *Halloween*, *Thanksgiving*, Ano Novo) e ao ensino. Entretanto, nossa atenção será direcionada especialmente para os quadrinhos referentes à seção “Social Media Shakespeare”, onde se encontram as séries “Shakespearean Selfies” e “Shakespearean Autocorrects”, publicadas entre os anos de 2013 e 2016. Nelas, a cartunista imagina as personagens shakespearianas (tais quais Hamlet, Julieta, Ricardo III, Tamora, Macbeth, Petróquio) utilizando *Instagram* e *Whatsapp* e supõe alguns problemas de comunicação a partir dos desentendimentos gerados por essas tecnologias. Além disso, conjectura falas referentes às situações presenciadas por cada uma das personagens e remete a cenas icônicas (como a de Hamlet segurando a caveira de Yorick, Julieta tomando a poção sugerida pelo frei Lourenço, ou o cavalo que Ricardo III perde



na batalha). De forma divertida e inusitada, a cartunista se apropria da estrutura narrativa de Shakespeare e a modifica, transforma e recria acrescentando uma pitada de ironia.

Isto posto, a partir do embasamento teórico dos trabalhos de Linda Hutcheon (2013) sobre adaptação, Abigail Rokison (2013) sobre produções, versões e adaptações das obras de Shakespeare, Paulo Ramos (2011) sobre o humor nos quadrinhos e Thiago Castro (2016) sobre tiras cômicas online, queremos propor uma reflexão sobre o diálogo entre a literatura e os quadrinhos, observando como se dão essas transformações, quais características se destacam no produto final, e como a forma e as mediações técnicas e gráficas podem recriar o conteúdo.


Adaptação, Shakespeare e tiras cômicas

Adaptação, segundo Linda Hutcheon (2013), é um ato de apropriação ou recuperação que envolve uma interpretação/reinterpretação e uma criação/recriação do artista. É uma operação que implica reescritura, diálogo intercultural, intermidial e intertextual. As adaptações são revisitações deliberadas, anunciadas e extensivas de obras do passado.

A autora canadense ressalta que com as adaptações as mudanças ocorrem geralmente entre mídias, gêneros e, muitas vezes, idiomas e, portanto, culturas. Como a adaptação, segundo a autora, “é uma forma de repetição sem replicação, a mudança é inevitável, mesmo que não [haja] qualquer atualização ou alteração consciente da ambientação (HUTCHEON, 2013, p. 17). Conforme Hutcheon, os adaptadores

contam histórias a seu próprio modo. Eles utilizam as mesmas ferramentas que os contadores de histórias sempre utilizaram, ou seja, eles tornam as ideias concretas ou reais, fazem seleções que não apenas simplificam, como também ampliam e vão além, fazem analogias, criticam ou mostram seu respeito, e assim por diante. As histórias que contam, entretanto, são tomadas de outros lugares, e não inteiramente inventadas. Tal como a paródias, as adaptações têm uma relação declarada e definitiva com textos anteriores, geralmente chamados de “fontes”; diferentemente das paródias, todavia, elas costumam anunciar abertamente tal relação. (HUTCHEON, 2013, p. 24).

Para essa teórica, a arte deriva de outra arte e as histórias são criadas a partir de outras histórias. Nesse sentido, é importante ressaltar o caráter auto reflexivo e dialógico




da literatura: a ideia de que nenhum texto é original, neutro ou puro, pois sempre irá remeter a outros textos. Como lembra Julie Sanders (2006, p. 14),

Os textos se alimentam de outros textos, criando outros textos e outros estudos críticos; a literatura cria outra literatura. Parte do prazer da experiência da leitura deve ser a tensão entre o familiar e o novo e o reconhecimento tanto da semelhança quanto da diferença, entre nós mesmos e entre os textos. O prazer existe e persiste, então, no ato de ler e reler (e continuar a ler).

Em outras palavras, todo texto é absorção e transformação e transformação de um outro texto; há sempre um trabalho de assimilação e modificação envolvidos no processo de escritura. O próprio Shakespeare utilizou narrativas de várias procedências para a composição de sua obra e as transferiu, das páginas para o palco, tornando-as, desse modo, disponíveis para um público completamente distinto. Mya Gosling se aproxima em grande medida do dramaturgo inglês ao utilizá-lo como fonte principal para elaborar as suas histórias em quadrinhos e criar um engajamento extensivo do leitor com as obras adaptadas. Além disso, como revela a cartunista, “I see my comics as a means of encouraging people to laugh at the bits of Shakespeare that they’ve always secretly thought were absurd, or, even better, to highlight the bits I find hysterical for people who think Shakespeare more than a bit dull” (GOSLING, 2017). Em um texto intitulado “The Silly Side of Shakespeare”, Gosling ainda aponta que

Shakespeare is so often put up on a pedestal; we’re taught that he is Great Literature, and thus something to be taken Very Seriously Indeed. But the fact of the matter is that Shakespeare can also be very silly indeed, and ridiculous, and nonsensical, and just plain fun. My comics just try to capture and share some of that fun (GOSLING, 2017).

A quadrinista não é a única a defender uma deselitização do Bardo de Avon, tendo em vista que as peças shakespearianas eram populares com todos – jovens, idosos, letrados e iletrados –, versavam sobre temas atemporais e se mantêm pertinentes para nós até hoje. Nota-se uma tentativa de desmistificar a figura de Shakespeare e tirar a aura acadêmica ao aproximar do leitor, ressignificando-a. Abigail Rokison, no livro *Shakespeare for Young people: productions, versions and adaptations*, destaca adaptadores (como a escritora e ilustradora Marcia Williams) que objetivam tornar relevantes as obras de Shakespeare para um público infanto-juvenil ao dessacralizar esses clássicos. Sendo assim, a intenção é atrair o público que não é familiarizado com



Shakespeare e convidá-lo a refletir sobre os mais diversos temas inerentes à condição humana. Conforme Rokison, as escolhas interpretativas dos adaptadores é que vão impactar as percepções dos leitores sobre as peças e estabelecer os paralelos entre a nossa sociedade e aquela na qual escrevia Shakespeare. Muitas vezes se fazem necessários cortes, rearranjo de texto e reescrita. Por outro lado, há adaptadores que optam por manter o texto shakespeariano e alteram o cenário, o figurino, inserem interpolações, na busca por um equivalente contemporâneo do mundo juvenil. Gosling se apropria das personagens e enredos shakespearianos e os reelabora através do humor e das tiras cômicas.


De acordo com Paulo Ramos, as tiras cômicas

são um gênero que possui uma narrativa que leva a um desfecho humorístico. O final tem de ser algo inesperado, não previsto no curso narrativo, de modo a surpreender o leitor, o que leva ao humor. Elementos verbais, visuais e verbo – visuais são usados para a quebra de expectativa da história (RAMOS, 2011, p. 136).

Elas fazem uso de um elemento-chave conhecido como disjuntor, gatilho ou elemento mediador (geralmente no fim da narrativa) que permite a passagem de uma leitura “séria” para outra “não-séria” ou jocosa. A mudança no rumo da narrativa é gerada por unidades mínimas de um texto narrativo, que seriam o antes e o depois. Segundo esse autor, a estrutura de uma tira cômica compõe-se dos seguintes elementos:

1) apresentam formato fixo e padronizado; 2) tendência à horizontalidade; 3) tendência de poucos quadrinhos (entre 1-4 vinhetas); 4) predomínio da sequência narrativa com diálogos; 5) humor; 6) tendência de criar um desfecho inesperado, 7) "uma piada por dia"; 8) a história tende a apresentar uma narrativa com começo, meio e fim, ou ao menos um antes e um depois (com antecedente e consequente); 9) a narrativa pode ter continuidade temática em outras tiras (RAMOS, 2011, p.111).

Em seu estudo sobre tiras cômicas *online*, Thiago de Castro (2016) reflete sobre os efeitos desencadeados pela consolidação da internet como meio de publicar, encontrar e ler tiras cômicas. O autor menciona alguns dos aspectos positivos relacionados à publicação de quadrinhos na internet: publicação instantânea, maior liberdade temática, maior dinamismo na abordagem da página e dos tradicionais quadros, progressiva interatividade autor-leitor, custo reduzido. Por outro lado, ele ressalta que a ausência de



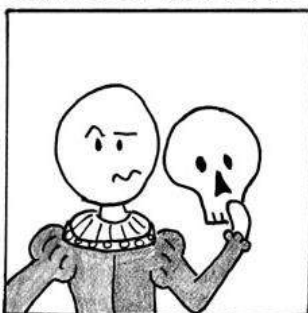
um editor repercute na falta de um direcionamento, podendo acarretar a perda de boas ideias e a dificuldade em se conservar as produções digitais.

Além disso, Castro (2016) destaca que a circulação de tiras na internet consiste em um fenômeno complexo e interativo, visto que o usuário pode ter contato com elas de diversas maneiras e, posteriormente, pode se apropriar das mesmas e criar novos contextos e sentidos. Assim, o leitor se torna cada vez mais participante da obra, a ponto de interferir na criação da mesma. O pesquisador observa que mesmo nas tiras mais recentes, as narrativas continuam breves (contendo, normalmente, de 1 a 4 quadros) e apresentam finais inesperados. Ele nota, em seu trabalho, que muitos quadrinhistas usam tiras híbridas com imagens e fotografias, promovendo uma profusão intertextual, e que há a “presença de muitas tiras criadas num contexto de aproximação das esferas autor/leitor, levando a uma significativa pluralidade temática” (CASTRO, 2016, p. 166). Nesse sentido, os blogs utilizados pelos autores funcionam como uma espécie de diário online, onde a manifestação do outro não apenas é esperada, como estimulada. Segundo esse autor, o “diálogo com eventos cotidianos, notícias, vídeos e filmes é intenso, e muito comumente vira mote do humor” (CASTRO, 2016, p. 189). No caso de Mya Gosling, há um diálogo muito intenso com a literatura e, especialmente, com Shakespeare. A seguir, iremos verificar como a autora opera o diálogo entre a literatura e os quadrinhos e cria uma obra nova.

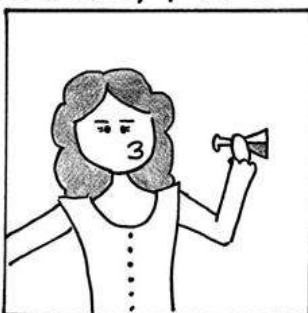
Shakespearean selfies

Publicadas entre novembro de 2013 e dezembro de 2016, as “Shakespearean Selfies” estão divididas em seis partes. Utilizam como base ou como cenário a interface do *Instagram* (lançado em 2010 pelos engenheiros de software, Kevin Systrom e Mike Krieger,), uma das redes sociais mais utilizadas hoje para a postagem e compartilhamento de fotos e de vídeos de curta duração pela facilidade e grande alcance de público. Nelas, Gosling concebe famosas personagens shakespearianas utilizando essa rede social, como se verifica na Figura 2.

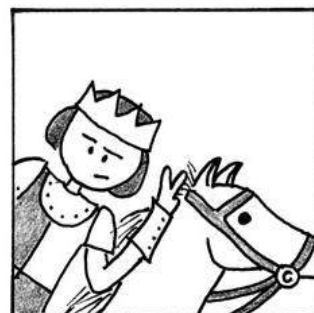
SHAKESPEAREAN SELFIES, part 1



princeofden - Pic of me and my old jester @DeadYorick #graveyardselfie #depressing #tagforlikes



juliet1591 - gonna drink me some distilled liquor n pretend im dead so i can see my hubs!!! #seemslegit #totallygonnawork #duckface



richardiii - On my way to fight @TudorBoy at #Bosworth. #ridingselfie #ihopeidontcrash

©2014 Mya Gosling

www.goodticklebrain.com

Oh, if only they had had Instagram back in Shakespeare's day.


Figura 2: “Shakespearean Selfies”, parte 1.

Fonte: < <https://goodticklebrain.com/home/2013/11/11/shakespearean-selfies>>. Acesso em: 27/09/2017.

Hamlet, Julieta e Ricardo III são inseridos nesse contexto e procuram chamar a atenção dos outros usuários e conseguir curtidas (*likes*). Assim, tiram *selfies* (fotos de si mesmas), fazem *duckface*⁴, inserem filtros, fazem edições, corrigem a iluminação, acrescentam as mais diversas *hashtags*⁵ para legendar suas fotos e abreviam as palavras para ganhar tempo, cometendo, por vezes, pequenos erros de digitação ou de ortografia, o que torna as postagens mais verossímeis. Hamlet faz uma careta ao lado da caveira de Yorick, remetendo a uma cena ícone do teatro universal e fazendo um comentário irônico sobre a finitude humana. Julieta revela seu plano para poder reencontrar Romeu, afirma que seu plano parece legítimo, que com certeza vai dar certo. Já Ricardo faz pose ao lado do seu cavalo, afirma que está a caminho da batalha e que espera não perder.

⁴ A *duckface* é “uma expressão facial popular em poses de fotos que consiste em pressionar os lábios para deixá-los mais carnudos, e as maçãs do rosto e a mandíbula, mais definidas. Ela adquiriu esse nome porque lembra um bico de pato”. PRADO, A. *Descubra a origem da cara de pato*. Matéria publicada na Superinteressante no dia 31 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/descubra-a-origem-da-cara-de-pato/>>. Acesso em: 29/09/2017.

⁵ *Hashtag* é uma “palavra-chave antecedida pela cerquilha (#) que as pessoas geralmente utilizam para identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando nas Redes Sociais. A adesão delas se tornou popular no Twitter e se disseminou para as maiores mídias sociais da atualidade”. A hashtag vira um hiperlink e se torna indexável pelos mecanismos de buscas. DRUBSCKY, L. *Entenda o que é hashtag (#), para que elas servem e como utilizá-las*. Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-hashtag/>>. Acesso em: 29/09/2017.



Outras personagens entram em cena nas próximas tiras, como: o Bottom (que faz um comentário sobre uma música da cantora Beyoncé ao se referir a sua transformação), a Volumnia (que faz uma selfie com Coriolanus ferido e se mostra orgulhosa do filho), o Petróquio (que coloca uma foto da sua lua de mel com Catarina e afirma que eles não começaram bem e que talvez tenha cometido um grande erro). Gosling é irônica em muitos momentos nas suas tiras, por exemplo, quando Romeu (ou veronaloverboy) utiliza a hashtag tbt⁶ para lembrar do dia do seu casamento com Julieta e comenta que foi há apenas quatro dias, mas que pareceu toda uma vida. Ou, então, quando coloca Antônio fazendo uma pose (provocativa) para a câmera do seu celular, sem a camisa, mostrando os seus músculos⁷, com uma hashtag que afirma que não dá para culpar Shylock por querer um pedaço do seu corpo, em uma clara referência à dívida que este tem com o judeu por conta de um empréstimo realizado para Bassânio. Mais uma cena engraçada é a que mostra a rainha dos godos, Tamora, com a língua na boca e o garfo na mão, pronta para devorar a torta que Titus cozinhou para ela (a partir da carne de seus filhos, Demetrius e Chiron), com as inocentes hashtags: “#foodporn, #nofilter, #yummy”.

Gosling também insere versos famosos das peças shakespearianas, como “gouts of blood” que remete à cena da visão fatal da adaga/punhal presente no solilóquio de Macbeth (II.i, “And on thy blade and dudgeon gouts of blood,/ Which was not so before”) ou “sack and sugar”, de *Henrique IV parte I* (II.iv, dita por Falstaff, quando este lista seus próprios defeitos e os justifica: “If sack and sugar be a fault, God help the wicked”), para gerar humor através do intertexto.

⁶ TBT significa Throwback Thursday. A “proposta da hashtag é publicar fotos antigas às quintas-feiras, sendo imagens que remetem a sentimentos nostálgicos e de saudades”. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/tbt/>>. Acesso em: 29/09/2017. Romeu também utiliza as hashtags yolo (you only live once), tgif (thank God it’s Friday), bae (before anyone else), couple goals (perfect couple), not shopped (que não foi photoshopada).

⁷ Um dos comentários de seus leitores se refere justamente a essa cena. Como escreve Irena: “Falstaff is my all times favorite but it’s MerchantTony who killed me here...Just great!”. Ao que responde jocosamente Mya Gosling: “Who knew Antonio worked out so much?”. Disponível em: <<https://goodticklebrain.com/home/2014/3/26/shakespearean-selfies-part-2>>. Acesso em: 28/09/2017.

É interessante observar o diálogo que a autora estabelece com os leitores de seu *blog* quando abre espaço para comentários. A interação ocorre principalmente por meio das sugestões, críticas, propostas e opiniões que aparecem após cada *post*, como se nota na Figura 3.

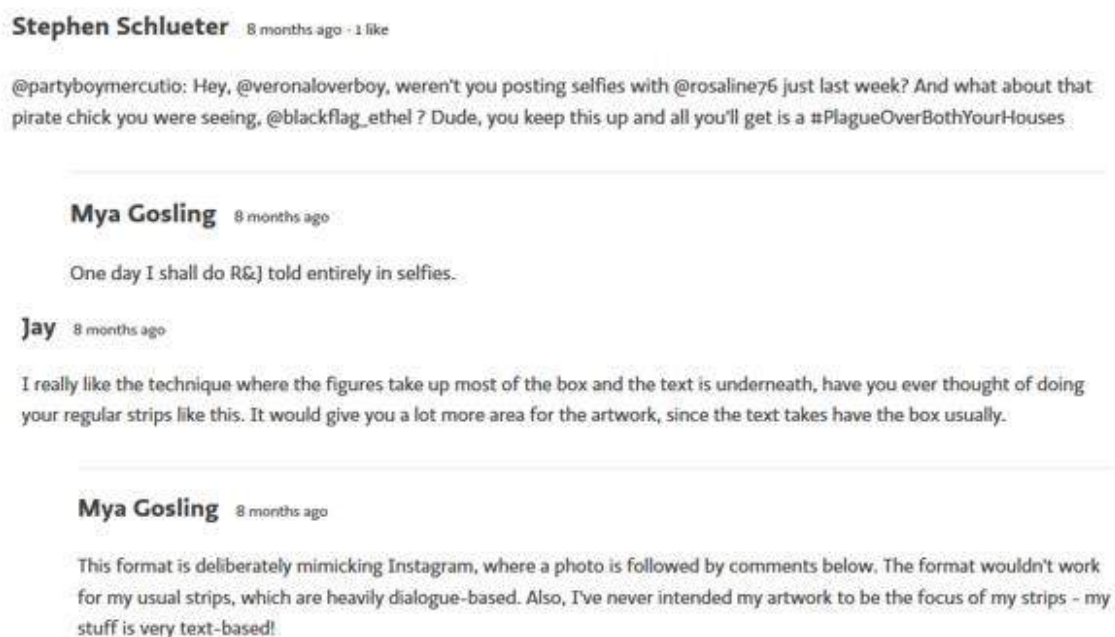


Figura 3: Comentários dos leitores do *blog Good Tickle-Brain*.
Fonte: <<https://goodticklebrain.com>>. Acesso em: 29/09/2017.

Shakespearean autocorrects

Assim como as “Shakespearean Selfies”, as “Shakespearian Autocorrects” foram publicadas em seis partes, entre setembro de 2014 e novembro de 2016. Nelas, a quadrinista elabora situações cômicas presenciadas por personagens shakespearianas provenientes de desentendimentos gerados pelo autocorretor do *WhatsApp*. Como se pode observar na Figura 4, Gosling imagina a comunicação entre a terceira bruxa e Macbeth através de trocas de mensagens no celular. A autora atenta para os mínimos detalhes, como a rede utilizada pela bruxa, que leva o nome de Hécate, e recorre à própria interface do *WhatsApp* no primeiro quadro para que o leitor identifique com mais facilidade a rede social.

Shakespearean Autocorrects, part 3

January 27, 2015

Time for some more Shakespearean autocorrects!



In playing around with my tablet to come up with material for this strip, I also generated the following quote:

| For none of spam born shall havn Macbeth.


That's a keeper, too.

Figura 4: *Shakespearean Autocorrects*, parte 3.

Fonte: <<https://goodticklebrain.com/home/2015/1/6/shakespearean-autocorrects-part-3>>. Acesso em: 27/09/2017.

Estamos no primeiro ato da peça, antes mesmo de Macbeth cogitar a possibilidade do regicídio. A terceira bruxa está terminando de anunciar a profecia. O gatilho é gerado pela troca da palavra “king” (rei) por “kind” (gentil). Macbeth, ao invés de ser tentado com o trono, é instruído a ser generoso e infere que deve proceder como no “Random Act of Kindness”⁸, assar biscoitos para os guardas e se voluntariar para preparar a sopa na cozinha. Enquanto isso, no terceiro e último quadro, a bruxa lamenta com suas colegas afirmando que odeia a tecnologia. Gosling já havia concebido, em outra seção do seu site (intitulada *Shakespearean What-Ifs*), uma narrativa em que Macbeth optava por não tomar nenhuma atitude para acelerar a sua ascensão ao trono e o destino se acaba se encarregando de eliminar Duncan e qualquer outro oponente do protagonista fazendo com que ele se torne rei.

⁸ O *Ato de Bondade Aleatório* surgiu quando a escritora Anne Herbert “escreveu, numa toalha de mesa de um restaurante, a seguinte frase: “Pratique atos de bondade aleatórios e atos de beleza sem sentido” (no original: “*Practice random acts of kindness and senseless acts of beauty*”). A frase ganhou o mundo e, ainda hoje, inspira pessoas a praticarem o bem “sem olharem a quem” e serem generosas, mesmo com desconhecidos. Deixar um café pago pra pessoa que está atrás de você na fila. Deixar uma mensagem positiva dentro de um livro que se devolve para a biblioteca. Elogiar a roupa de alguém que você não conhece”. Disponível em: <<http://uasf.com.br/2015/04/atos-de-bondade-aleatorios.html>>. Acesso em: 29/09/2017.



Além dessa cena, a cartunista também imagina Ricardo III pedindo uma casa (house e não um horse) por um reino a Catesby, que, na confusão, foi procurar uma casa de campo para o tirano. Ou, ainda, o fantasma do pai de Hamlet se comunicando com o filho e enfrentando dificuldades ao digitar as frases no teclado. Hamlet pai troca, por exemplo, “spirit” (espírito) por sprout (broto) e “murder” (assassinato) por “burger” (hambúrguer) e se justifica ao afirmar que “it’s hard to type while incorporeal”. Gosling inventa situações muito parecidas com as que seus leitores vivenciam e, por isso, gera interesse. Ela torna as personagens mais palpáveis, mais próximas, mais humanas e afasta do leitor a ideia de que aqueles seres imortalizados pela academia são intocáveis ou inatingíveis.

Considerações finais

Buscamos um olhar crítico para compreender como, em “*Shakespearean Selfies*” e em “*Shakespearean Autocorrects*”, Mya Gosling se apropria da informação verbal literária, da linguagem do humor gráfico e dos processos de mediação, construindo uma releitura elaborada por uma narrativa de imagens sequenciadas no meio digital. Pudemos observar que o humor de Gosling tem em Shakespeare o motor propulsor da maioria das piadas. A quadrinista retrata diversas situações cotidianas em um contexto cômico, envolvendo os processos de interação com as mídias e os artefatos tecnológicos, como as redes sociais, *Instagram* e *WhatsApp* e seus usos e diferentes apropriações. A autora dialoga com os hábitos e costumes rotineiros das pessoas ao lidar com os universos midiáticos, problematizando e brincando com as questões culturais e os caminhos inusitados das interpretações e das produções de sentido. Ela tece ligações criativas entre vários textos, justapondo tempos e lugares, refletindo sobre os sentimentos e as necessidades humanas, as angústias e contradições não só a partir da literatura, mas das experiências vividas, acumulando e ressignificando repertórios. Sua proposta pede um leitor que participe ativamente da criação artística, através de comentários e sugestões, tornando-se coautor e conferindo um tom mais coletivo e dialógico ao trabalho. Os quadrinhos de Gosling atualizam a obra shakespeariana e podem servir como um meio de aproximação e de incentivo à leitura das peças do bardo inglês a novos públicos das redes sociais.

Referências bibliográficas

CASTRO, Thiago Estevão Calixto. *Tiras cômicas online: mediação e interações na linguagem das tiras*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

GOSLING, Mya. *Good Tickle Brain: a mostly Shakespeare webcomic*. Disponível em: <<https://goodticklebrain.com/>>. Acesso em: 03/08/2017.

GOSLING, Mya. The Silly Side of Shakespeare. Artigo publicado em *Blogging Shakespeare* no dia 28 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://bloggingshakespeare.com/silly-side-shakespeare>>. Acesso em: 26/09/2017.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zaratana Books, 2011.

ROKISON, Abigail. *Shakespeare for Young People: productions, versions and adaptations*. Bloomsbury Arden, 2013.

SANDERS, Julie. *Adaptation and appropriation*. New York: Routledge, 2006.